

Comentário sobre *Personcontos* de Wilberth Claython Ferreira Salgueiro¹

Comment about *Personcontos* by Wilberth Claython Ferreira Salgueiro

Marília Rothier Cardoso*

A imagem do poeta no ocidente ainda é, de algum modo, marcada por traços do andarilho cego que, percorrendo as estradas da Grécia, cantava os deuses e heróis. A esse Homero mítico, foi-se condensando, no século XX, a figura oriental de Bashô, mestre itinerante de poesia no Japão seiscentista. Da beleza simples dessas palavras, postas em trânsito permanente, o professor-crítico Wilberth Salgueiro escolheu a parte da economia rigorosamente disciplinada, para começar sua carreira de poeta. Assumindo atitude de despojamento, através da assinatura Bith, exercitou-se na produção do haicai. Com persistência paciente, deixou, no registro distanciado de circunstâncias e gestos, a marca do humor contemporâneo – suas *Digitais*. Uma etapa ultrapassada, era hora de seguir viagem, cumprir sua sina de poeta,

¹ CARDOSO, Marília Rothier. Comentário sobre *Personcontos* de Wilberth Claython Ferreira Salgueiro. 2004 [Inédito].

* Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

apontando o destino seguinte. Foi aí que ele escolheu uma geografia mais sutil e esboçou seu roteiro, através das formas poéticas. Em vez de deslocar-se do século XVII japonês para outro ponto do globo ou da história, tomou o caminho longo e inesperado que leva do haicai ao soneto. Tendo-se feito mestre da extrema condensação, abraçou outra forma de disciplina, mais familiar, mais explorada, menos temerosa de exhibir o artifício. Interessante, num poeta-crítico tão envolvido com a cultura contemporânea (sua tese de doutorado, transformada em livro em 2002, trata da poesia brasileira das últimas décadas), esse gosto pelas formas fixas da tradição. Trata-se, sem dúvida, do enfrentamento de um duplo desafio: o exercício radical da liberdade artística através da disciplina mais rígida e a sutileza do gesto agressivo de romper a harmonia clássica com a fina ironia de um anacronismo – a nota dissonante do presente. Quando realiza seu salto – inopinado mas de rigoroso planejamento – , o poeta já acumulou suficiente experiência para interferir, com força, sobre o modelo escolhido. Se os “minutos de poesia” à japonesa tratavam da vida atual, ainda guardando a atmosfera do antigo oriente, a arquitetura dos sonetos, que se publicam agora, respeita a métrica do *dolce stil nuovo* mas arrasta o molde petrarquista para o espaço banal do enredo narrativo. Aí está o terceiro desafio: sintetizar, nos quatorze versos (com sua inseparável “chave-de-ouro”), as longas voltas da intriga romanesca e, ao mesmo tempo, reduzir a poucos traços definitivos a psicologia complexa e contraditória das personagens. Esse malabarismo de composição é conseguido com graça, sem risco de tédio, nem perda do suspense. Para trazer até o público do thriller cinematográfico e da telenovela aquela jóia lírica do renascimento, burilada por Petrarca, Camões e Shakespeare, é necessário atravessar – num átimo e com extrema agilidade – o território romântico em que os gêneros se misturaram, quando os heróis desceram às ruas da cidade, pelo veículo diário do folhetim. Só um poeta viajante, tornado ágil no enfrentamento de suas mil e uma aventuras, pode-se dar ao luxo de tal ousadia. E é quando combina fatias da história literária no molde compacto do soneto, que o poeta se faz, cada vez mais energicamente, crítico. Avalia os produtos de seu tempo com a mirada cruel de quem conhece muitas culturas e

rejeita, sem piedade, qualquer mesmice e qualquer prolixidade. Com tão seguros antecedentes no caminho do humor sábio, *Personcontos* perfaz o trajeto – algo labiríntico – programado. O leitor, acompanhando, de início, com perplexidade, os passos do poeta, não resiste mais à curiosidade e prossegue. Os desfechos inesperados instigam-no, as personagens desconcertantes encantam-no. (Minha própria leitura, alternada de desconfiança e fascínio, teve de absorver o choque, lisonjeiro mas muito perigoso, de topar com personagem homônima – um piparote? uma homenagem?) No fim da convivência através das páginas, o leitor não quer nada menos do que adaptar ao próprio rosto o perfil desse poeta de poetas. E pergunta-se, insaciável, que forma vai tomar sua próxima viagem?